REVISTA SAÚDE DOS VALES

ISSN: 2674-8584 V.03 – N.01 – 2025

ÓBITOS POR SÍFILIS CONGÊNITA EM MENORES DE 1 ANO NO BRASIL: MANEJO PELA ENFERMAGEM

DEATHS FROM CONGENITAL SYPHILIS IN CHILDREN UNDER 1 YEAR OF AGE IN BRAZIL: MANAGEMENT BY NURSING

Carolina Figueiredo Metzker
Acadêmica do curso de Enfermagem da Faculdade Alfa Unipac de Teófilo Otoni/MG. Brasil.
Email: cf.metzker@gmail.com

Tilly Souza Marques
Acadêmica do curso de Enfermagem da Faculdade Alfa Unipac de Teófilo Otoni/MG. Brasil.
Email: souzatilly@gmail.com

Allyne Aparecida Dias da Silva Castro
Doutoranda, Mestra, Orientadora e Professora na Faculdade Alfa Unipac de Teófilo Otoni/MG. Brasil.
Email: professoraallynedias@gmail.com

Recebido: 01/01/2025 – Aceito: 06/03/2025

RESUMO

A sífilis congênita, uma infecção transmitida de mãe para filho, permanece sendo um sério desafio de saúde pública no Brasil, apesar de ser totalmente evitável. Com índices preocupantes de mortalidade neonatal ligados à doença, este artigo revisa a literatura sobre óbitos causados por sífilis congênita em bebês com menos de um ano, destacando o papel essencial da enfermagem no manejo e prevenção. A

pesquisa abrange informações de estudos e diretrizes de saúde publicadas entre 2019 e 2024, ressaltando a importância de intervenções eficazes e da constante capacitação dos profissionais de enfermagem. Os resultados mostram que a falta de diagnóstico e de tratamento adequados, durante o pré-natal, aliada às desigualdades regionais no acesso aos serviços de saúde, são fatores que contribuem para o elevado número de óbitos. Reforça-se a necessidade de fortalecer as políticas públicas e de integrar os cuidados em saúde com o objetivo de reduzir a mortalidade infantil evitável. O papel ativo da enfermagem é indispensável para assegurar uma triagem eficiente, promover a educação em saúde e garantir o acompanhamento das gestantes, colaborando para a erradicação da sífilis congênita no Brasil.

Palavras - Chave: Sífilis Congênita; Mortalidade Infantil; Saúde Pública.

ABSTRACT

Congenital syphilis, an infection transmitted from mother to child, remains a serious public health challenge in Brazil, despite being entirely preventable. With worrying rates of neonatal mortality linked to the disease, this article reviews the literature on deaths caused by congenital syphilis in babies under one year of age, highlighting the essential role of nursing in management and prevention. The research covers information from studies and health guidelines published between 2019 and 2024, highlighting the importance of effective interventions and ongoing training of nursing professionals. The results show that the lack of adequate diagnosis and treatment during prenatal care, combined with regional inequalities in access to health services, are factors that contribute to the high number of deaths. The need to strengthen public policies and integrate health care with the aim of reducing preventable infant mortality is reinforced. The active role of nursing is essential to ensure efficient screening, promote health education and ensure the monitoring of pregnant women, contributing to the eradication of congenital syphilis in Brazil.

REVISTA SAÚDE DOS VALES

Keywords: Congenital Syphilis; Infant Mortality; Public Health.

1. INTRODUÇÃO

A sífilis congênita, uma infecção transmitida de mãe para filho durante a gestação, é ainda um desafio significativo para a saúde pública global e nacional, devido ao seu impacto devastador em neonatos e ao fato de ser uma doença completamente prevenível. Globalmente, a Organização Mundial da Saúde (OMS) estima que cerca de 661 mil casos de sífilis congênita ocorrem anualmente, resultando em milhares de mortes neonatais e complicações graves, como natimortalidade, parto prematuro e malformações congênitas (WHO, 2023).

Essa patologia, causada pela transmissão vertical da infecção durante a gestação ou o parto, representa uma grave questão de saúde pública global, com mais de 661 mil casos anuais, resultando em cerca de 200 mil natimortos e óbitos neonatais (OPAS, 2023; WHO, 2023). Essa condição pode causar prematuridade, baixo peso ao nascer e sequelas neurológicas severas quando não tratada precocemente (WHO, 2023). Em uma escala global, a sífilis congênita é a segunda maior causa evitável de morte fetal, ficando atrás apenas da malária (OPAS, 2023). No entanto, o diagnóstico e tratamento adequados durante o pré-natal, com o uso de penicilina, são altamente eficazes na prevenção da transmissão vertical (WHO, 2023).

No Brasil, a situação é igualmente preocupante, com uma alta prevalência de sífilis congênita. Em 2022, foram registrados mais de 26 mil casos, refletindo desafios persistentes no diagnóstico e no tratamento adequados durante o pré-natal (Brasil, 2023). A falta de acesso a exames precocemente e a deficiência no acompanhamento das gestantes são fatores críticos que dificultam o controle da doença (Amorim *et al.,* 2021). Como resposta, é fundamental intensificar campanhas de conscientização e melhorar a capacitação dos profissionais de saúde para assegurar o tratamento efetivo das gestantes e seus parceiros, interrompendo a cadeia de transmissão da doença (Brasil, 2023).

Apesar dos esforços para ampliar o acesso ao diagnóstico e ao tratamento de forma antecipada, os índices de sífilis congênita continuam alarmantes. Dados do Ministério da Saúde revelam um aumento progressivo no número de casos, o que reforça a necessidade de uma atuação mais eficaz dos serviços de saúde, especialmente no âmbito da Atenção Primária e da enfermagem, para a prevenção e controle dessa condição (Brasil, 2020). Esse panorama destaca a importância de estratégias integradas e contínuas para a erradicação da sífilis congênita, visando proteger as gerações futuras e reduzir a mortalidade infantil evitável.

A infecção permanece como uma das principais causas de morbimortalidade infantil, principalmente em países em desenvolvimento, como o Brasil. Apesar dos avanços no diagnóstico e no tratamento da sífilis durante a gestação, os casos de óbitos por sífilis congênita em menores de um ano ainda são preocupantes e refletem fragilidades no sistema de saúde (Brasil, 2020).

A enfermagem, como uma das principais frentes na linha de cuidado materno-infantil, desempenha um papel crucial na prevenção e manejo da sífilis congênita, sendo responsável pela triagem, pelo acompanhamento e pela orientação das gestantes. No entanto, a efetividade dessas ações ainda enfrenta desafios, tais como: falta de capacitação contínua, sobrecarga de trabalho e barreiras no acesso aos serviços de saúde (Ferreira *et al.*, 2022). Portanto, a revisão de literatura proposta visa analisar as evidências disponíveis sobre os óbitos por sífilis congênita em menores de um ano no Brasil, com foco no manejo pela enfermagem, identificando lacunas e propondo estratégias que possam ser incorporadas à prática clínica para a redução desses índices alarmantes.

1.1 OBJETIVOS

O objetivo deste artigo é revisar e analisar criticamente a literatura existente sobre os óbitos por sífilis congênita em menores de um ano no Brasil, com ênfase no manejo pela enfermagem. Através dessa revisão, como objetivos específicos, busca-se identificar os principais fatores associados à mortalidade neonatal por sífilis congênita, avaliar as práticas de enfermagem atualmente utilizadas no contexto

brasileiro, e propor recomendações baseadas em evidências para melhorar o cuidado e reduzir a incidência de óbitos evitáveis.

1.2METODOLOGIA

Trata-se de um trabalho de revisão de literaturas, o qual se formou a partir de fontes de dados localizados em revistas científicas, boletins epidemiológicos e diretrizes de saúde pública publicados entre 2019 e 2024, tanto em português quanto em inglês. Foram incluídos estudos a respeito dos temas: sífilis congênita, mortalidade infantil e manejo pela enfermagem. Quanto aos critérios de exclusão, foram eliminados estudos anteriores a 2019 ou que não apresentavam dados completos sobre mortalidade. As estratégias de busca envolveram o uso de bases de dados, como SciELO, PubMed, Google Scholar, bem como de acesso a revistas científicas. Por fim, a seleção dos artigos foi realizada com base na relevância e na atualidade dos dados, seguida de uma análise crítica do conteúdo a ser segregado para esta revisão.

2. REVISÃO DA LITERATURA

2.1. EPIDEMIOLOGIA

A relevância da sífilis congênita para a saúde pública é inegável, dado o impacto significativo nas taxas de morbimortalidade infantil. Em contextos com controle pré-natal insuficiente, a taxa de transmissão vertical pode atingir até 80%, e a mortalidade neonatal pode variar de 30% a 50% nos casos não tratados ou inadequadamente manejados (Brasil, 2023). Em menores de um ano, a infecção pode resultar em complicações como anemia severa, icterícia, hepatoesplenomegalia e neurossífilis, com potencial letal se não diagnosticadas e tratadas precocemente (Rocha *et al*., 2021).

Estudos recentes indicam uma correlação significativa entre a alta prevalência de sífilis em gestantes e o aumento da mortalidade infantil por sífilis congênita, especialmente em regiões com acesso limitado aos serviços de saúde. Em Minas

Gerais, dados epidemiológicos recentes revelam um aumento preocupante nos óbitos por sífilis congênita, refletindo não só falhas no diagnóstico e tratamento adequados, mas também fragilidades nas políticas públicas de saúde voltadas para o acompanhamento pré-natal (Mendonça, 2022).

É essencial enfatizar que, para a enfermagem, o manejo da sífilis congênita começa na atenção à saúde da gestante, em que a identificação precoce e o tratamento da sífilis são cruciais para prevenir a transmissão vertical. Além disso, o acompanhamento contínuo do neonato é fundamental para detectar e tratar as manifestações clínicas da doença o mais cedo possível, reduzindo, assim, o risco de mortalidade (Barbosa; Martins; Godoi, 2024).

A incidência da infecção está fortemente associada à ausência ou à inadequação do diagnóstico e do tratamento da sífilis em gestantes. No Brasil, a taxa de incidência de sífilis congênita tem mostrado um aumento preocupante nos últimos anos, mesmo com os esforços contínuos para erradicar a patologia (Geier *et al.*, 2024).

Em 2022, o Ministério da Saúde registrou uma taxa de incidência de 9,5 casos de sífilis congênita por 1.000 nascidos vivos, um número que demonstra uma insuficiência no controle da sífilis materna, especialmente em regiões com acesso limitado aos serviços de saúde (Brasil, 2023). Essa alta incidência é um indicador da vulnerabilidade social e da inadequação das políticas de saúde pública voltadas ao pré-natal. Ademais, a falta de diagnóstico precoce e o tratamento inadequado das gestantes com sífilis são os principais fatores que contribuem para a persistência dessa elevada incidência (Brasil, 2023).

A relevância da sífilis congênita para a saúde pública é ampliada quando se observa sua forte correlação com a mortalidade infantil. No Brasil, a sífilis congênita é uma das principais causas evitáveis de mortalidade em menores de um ano. A infecção pode levar a complicações graves como prematuridade, baixo peso ao nascer, malformações congênitas e, em casos extremos, ao óbito neonatal (Agência Gov, 2024).

A análise da distribuição geográfica dos casos também é crucial para compreender a dinâmica epidemiológica da sífilis congênita. Regiões como o

Nordeste e o Norte do Brasil apresentam as maiores taxas de incidência e mortalidade, em razão de desigualdades socioeconômicas e de dificuldades de acesso aos serviços de saúde. Esses dados ressaltam a necessidade de intervenções direcionadas e efetivas para a prevenção da transmissão vertical do *T. pallidum* e para a redução da mortalidade infantil associada à doença (Brasil, 2023).

2.2. FISIOPATOLOGIA, SINAIS E SINTOMAS DA SÍFILIS CONGÊNITA

A sífilis congênita ocorre quando o *Treponema pallidum*, bactéria causadora da patologia, é transmitida da mãe infectada para o feto durante a gestação. Essa transmissão pode ocorrer a partir da 9ª ou 10ª semana de gestação, quando o microrganismo atravessa a barreira placentária e infecta o feto. Uma vez no ambiente fetal, o *T. pallidum* se dissemina sistemicamente, afetando múltiplos órgãos e tecidos. A infecção crônica e disseminada pode resultar em uma variedade de manifestações patológicas, incluindo inflamação difusa, necrose tecidual e fibrose, que contribuem para o amplo espectro de complicações associadas à doença (Sanar, 2022).

Os sinais e sintomas da sífilis congênita variam dependendo do momento em que a infecção ocorre e da extensão do dano causado ao feto. Os sintomas podem ser classificados em precoces, que se manifestam nos primeiros dois anos de vida, e tardios, que surgem após esse período. Entre os sinais precoces, incluem-se manifestações cutâneas como lesões bolhosas e maculopapulares, hepatosplenomegalia, anemia severa, icterícia, rinite sifilítica e linfadenopatia generalizada. Outrossim, a Neurossífilis, em alguns casos manifestada com quadros de convulsões e de irritabilidade, é uma complicação grave que também pode ocorrer precocemente (Sanar, 2022).

Nos casos em que a infecção não é diagnosticada e tratada precocemente, a sífilis congênita pode evoluir para a forma tardia, caracterizada por deformidades ósseas como a tíbia em sabre, alterações dentárias (dentes de Hutchinson), surdez neurossensorial e lesões oculares, como ceratite intersticial. Essas manifestações tardias resultam de uma resposta inflamatória prolongada e da cicatrização tecidual,

que podem comprometer gravemente a qualidade de vida dos afetados (Rocha *et al.*, 2021).

A gravidade e diversidade dos sinais e sintomas da sífilis congênita ressaltam a importância de um diagnóstico precoce e de intervenções terapêuticas imediatas para minimizar o impacto da infecção na vida do recém-nascido (Costa *et al.*, 2020).

2.3. PAPEL DA ENFERMAGEM NESSE CENÁRIO

O manejo de enfermagem em óbitos por sífilis congênita em menores de um ano exige uma abordagem integral e humanizada, com foco não apenas nos aspectos técnicos do cuidado, mas também nas necessidades emocionais das famílias e nas condições sociais que podem influenciar o diagnóstico e o tratamento. A enfermagem tem um papel central, sendo responsável pela triagem precoce, orientação e acompanhamento contínuo de gestantes e recém-nascidos (Barbosa; Martins; Godoi, 2024).

A detecção precoce da sífilis em gestantes, seguida de tratamento adequado, é essencial para a prevenção de complicações graves, como a sífilis congênita. O enfermeiro deve ser capaz de identificar sinais precoces de infecção, orientar sobre a importância do acompanhamento médico e garantir que a administração de penicilina, quando indicada, ocorra de forma adequada. Esta atuação é fundamental para evitar o desenvolvimento de formas graves da doença, que podem resultar em óbitos neonatais (Pereira *et al.*, 2020).

Além disso, o cuidado humanizado é uma das características mais importantes do manejo da enfermagem nesses casos. O enfermeiro não só atua na parte clínica, mas também se envolve emocionalmente, oferecendo suporte psicológico às mães, que muitas vezes enfrentam o medo e a culpa relacionados à infecção. A educação em saúde deve ser realizada de forma sensível, respeitando a vivência e o contexto de cada gestante, para que ela compreenda a importância do seguimento rigoroso do pré-natal e do tratamento adequado (Santos *et al.*, 2021).

A escuta ativa, o acolhimento e o suporte emocional são essenciais para garantir que as gestantes se sintam seguras e amparadas no processo de

tratamento e acompanhamento. Esse cuidado humanizado contribui para a adesão ao tratamento e diminui as barreiras de acesso à saúde (Santos *et al.*, 2021). O acompanhamento do recém-nascido, especialmente nos primeiros meses de vida, é outro aspecto crucial do manejo da enfermagem em casos de sífilis congênita. Após o nascimento, o enfermeiro deve monitorar rigorosamente o bebê quanto ao aparecimento de sinais de infecção, como lesões cutâneas, hepatoesplenomegalia e alterações neurológicas (Barbosa; Martins; Godoi, 2024).

O enfermeiro é também responsável por garantir que a administração de penicilina, no tratamento, seja realizada corretamente, além de coordenar o seguimento com outros profissionais de saúde, como pediatras e infectologistas, para uma abordagem integrada. A detecção precoce de sinais de sífilis congênita pode ser a chave para um tratamento eficaz, que minimize danos à saúde do recém-nascido e aumente suas chances de recuperação. Nesse sentido, a atuação da enfermagem é fundamental para evitar que o quadro evolua para complicações graves, que frequentemente resultam em óbitos infantis (Costa *et al.*, 2022).

O impacto das políticas públicas de saúde e das práticas de cuidado da enfermagem deve ser visto como uma estratégia integrada para a erradicação da sífilis congênita. É necessário garantir que todos os profissionais de saúde estejam devidamente capacitados para identificar e tratar a sífilis, não apenas no período gestacional, mas também durante o acompanhamento pós-natal (Brasil, 2023).

A capacitação contínua dos enfermeiros é essencial para melhorar o manejo da sífilis congênita e garantir que as medidas de prevenção sejam eficazes. Além disso, deve-se trabalhar para superar as desigualdades no acesso ao cuidado, especialmente em regiões mais afastadas ou com menos recursos, onde a taxa de incidência da sífilis congênita tende a ser mais alta. O trabalho da enfermagem, desse modo, não se limita ao cuidado clínico, mas envolve também a advocacia pela melhoria das condições de saúde pública, o que pode ajudar a reduzir os índices de mortalidade infantil relacionados à sífilis congênita (Souza *et al.*, 2023).

3. DISCUSSÃO

A análise dos óbitos por sífilis congênita em menores de 1 ano no Brasil revela um cenário alarmante que exige atenção e intervenção urgente. Comparado a outros países, especialmente de alta renda, o Brasil apresenta taxas significativamente mais elevadas de mortalidade por sífilis congênita, o que evidencia falhas nas estratégias de prevenção e de manejo durante o pré-natal. Em países desenvolvidos, a sífilis congênita é considerada uma condição rara, devido à eficácia dos programas de triagem e tratamento durante a gravidez (WHO, 2021). No Brasil, entretanto, persistem desafios relacionados ao acesso aos cuidados de saúde e à cobertura de serviços, o que contribui para a elevada mortalidade infantil associada à doença (Morais; Correia; Machado, 2022).

As implicações dos achados para a prática de saúde pública no Brasil são profundas. A persistência dos altos índices de mortalidade por sífilis congênita evidencia uma necessidade urgente de reformulação das políticas públicas voltadas para a saúde materno-infantil. O manejo inadequado da sífilis em gestantes, aliado à falha no seguimento de casos positivos, resulta em desfechos negativos que poderiam ser evitados com intervenções simples, como a administração correta da penicilina (Brasil, 2023). Além disso, a falta de continuidade e de qualidade no cuidado pré-natal são fatores determinantes para a transmissão vertical da sífilis. Logo, sugerem-se melhorias na educação em saúde e na capacitação dos profissionais para reverter esse quadro (Nunes *et al.*, 2017).

Entre as limitações percebidas nesta revisão, destaca-se a possibilidade de vieses relacionados à subnotificação de casos e à falta de uniformidade nos dados disponíveis nas diferentes regiões do país. Além disso, a literatura sobre o tema ainda apresenta lacunas, especialmente no que se refere à eficácia das intervenções específicas de enfermagem no manejo da sífilis congênita. Estudos futuros poderiam focar em investigar essas intervenções e em como a prática de enfermagem pode ser otimizada para prevenir a transmissão vertical e reduzir a mortalidade infantil associada (Mendonça, 2022).

Para a melhoria das políticas públicas, é fundamental fortalecer os programas de triagem e de tratamento da sífilis em gestantes, com ênfase na ampliação do acesso aos cuidados pré-natais e na garantia de seguimento adequado para todos

os casos diagnosticados. Recomenda-se a implementação de estratégias que integrem o cuidado pré-natal com a atenção básica, utilizando a Estratégia Saúde da Família como ferramenta para alcançar as populações mais vulneráveis (Santos; Gomes, 2020). Além disso, é crucial investir na capacitação contínua dos profissionais de saúde, especialmente dos enfermeiros, para assegurar a administração adequada da penicilina e o manejo correto dos casos de sífilis em gestantes (Domingues *et al*, 2020).

O manejo da sífilis congênita pelo enfermeiro envolve uma série de ações que visam tanto a prevenção quanto o tratamento da doença. O enfermeiro tem um papel central na triagem inicial, na educação em saúde para gestantes e na administração de penicilina, quando necessário. Além disso, é responsável por garantir o seguimento dos casos, monitorando o tratamento das gestantes e a saúde dos recém-nascidos. Esse manejo completo requer não apenas habilidades técnicas, mas também uma abordagem humanizada, que considere as particularidades de cada paciente e as barreiras que possam existir para o acesso ao tratamento (Nunes *et al*., 2017).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A alta taxa de mortalidade por sífilis congênita em menores de um ano no Brasil evidencia uma crise de saúde pública que exige intervenções urgentes e coordenadas. A literatura revisada mostra de forma clara o papel central da enfermagem no manejo dessa condição, especialmente no que se refere à necessidade de formação contínua e a adoção de estratégias eficazes que assegurem a triagem adequada, o diagnóstico precoce e o tratamento oportuno das gestantes afetadas. A detecção precoce é crucial para prevenir a transmissão vertical, que ocorre de mãe para filho, e é a chave para evitar o desfecho fatal em recém-nascidos (Silva *et al*., 2021).

A redução da mortalidade infantil evitável passa diretamente pela ampliação do acesso aos cuidados pré-natais de qualidade e pela implementação de políticas públicas voltadas à prevenção da transmissão vertical da sífilis. Nesse sentido, fortalecer a atenção primária, especialmente por meio da Estratégia Saúde da

Família, emerge como uma solução eficaz para alcançar as populações mais vulneráveis, que geralmente enfrentam barreiras no acesso aos serviços de saúde. A literatura destaca que a atuação proativa da enfermagem, aliada à integração dos cuidados primários, pode assegurar o acompanhamento contínuo da saúde materno-infantil, garantindo melhores desfechos para mães e bebês (Santos; Gomes, 2020).

Além disso, a aplicação de medidas baseadas em evidências científicas, que envolvam tanto a educação em saúde quanto a humanização do atendimento, é essencial para transformar o panorama atual. O acolhimento de gestantes e a sensibilização de toda a equipe de saúde para a importância da prevenção da sífilis congênita são passos fundamentais para reverter as estatísticas alarmantes. Somente com uma abordagem integrada e colaborativa entre profissionais de saúde, incluindo a enfermagem, será possível reduzir significativamente os casos de sífilis congênita e proteger as próximas gerações de brasileiros (Costa *et al.*, 2023).

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA GOV. **Sífilis congênita: 71% dos casos da doença em gestantes foram evitados em 2023.** Ministério da Saúde, 2024. Disponível em: <https://agenciagov.ebc.com.br/noticias/202410/sifilis-congenita-71-dos-casos-da-doenca-em-gestantes-foram-evitados-em-2023>. Acesso em: 6 nov. 2024.

BARBOSA, L. B.; MARTINS, J.; GODOI, S. Condução da Sífilis pelo enfermeiro na atenção primária durante o pré-natal: Uma revisão de literatura. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 10, n. 12, p. 1914–1927, 2024. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/17096>. Acesso em: 07 out. 2024.

BRASIL. **Boletim Epidemiológico: Sífilis 2023**. Secretaria de Vigilância em Saúde e Ambiente. Ministério da Saúde. Brasília (DF), 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-

conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/especiais/2023/boletim-epidemiologico-de-sifilis-numero-especial-out.2023 >. Acesso em: 06 fev. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Brasil avança no enfrentamento à sífilis**. Ministério da Saúde, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2020/outubro/brasil-avanca-no-enfrentamento-a-sifilis>. Acesso em: 24 out. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Boletim Epidemiológico de Sífilis 2023**. Brasília, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/sifilis-congenita-aumenta-no-brasil-em-2022>. Acesso em: 27 ago. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Boletim Epidemiológico de Sífilis**. 1. ed. Brasília, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br>. Acesso em: 6 nov. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Políticas de saúde no Brasil em tempos contraditórios: caminhos e tropeços na construção de um sistema universal**. SciELO. São Paulo (SP), 2023. Disponível em: <https://www.scielosp.org>. Acesso em: 06 nov. 2024.

COSTA, J. C. et al. O papel da enfermagem na prevenção e controle da sífilis congênita em serviços de saúde. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 56, p. 30-37, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/ZGQ2W4s/>. Acesso em: 6 nov. 2024.

COSTA, M. A.; SANTOS, P. R.; FERREIRA, L. M. Estratégias de intervenção no controle da sífilis congênita: revisão integrativa. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 76, n. 2, p. 345-353, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbenf/a/Q1L2b3J6z/>. Acesso em: 07 out. 2024.

DOMINGUES, R. M. S. M. et al. Estratégias para o manejo da sífilis em gestantes na Atenção Primária à Saúde: desafios para a capacitação profissional. **Revista de Saúde Pública**, v. 54, n. 52, p. 1-10, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/YJYgXz9fnfCVXzRf3GMNff/>. Acesso em: 6 nov. 2024.

GEIER, L. H. D.; USCOVOCH, K. J. S. O. Sífilis congênita no Brasil: um estudo comparativo da incidência entre 2019 e 2023, considerando os períodos pré-pandêmico e pandêmico. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 10, n. 7, p. 2730–2742, 2024. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/14984>. Acesso em 10 nov. 2024.

MENDONÇA, M. **Pesquisa revela aumento na incidência de sífilis em gestantes e alerta para subnotificação dos casos**. Faculdade de Medicina da UFMG, 2022. Disponível em: <https://www.medicina.ufmg.br/pesquisa-revela-aumento-na-incidencia-de-sifilis-em-gestantes-e-alerta-para-subnotificacao-dos-casos/>. Acesso em 15 nov. 2024.

NUNES, J. T. et al. Sífilis na gestação: perspectivas e condutas do enfermeiro. **Revista de Enfermagem UFPE on line,** v. 11, n. 12, p. 4875 – 4884, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/23573/25297>. Acesso em: 07 out. 2024.

PEREIRA, L. M. de O. et al. Diagnóstico precoce e manejo da sífilis congênita: uma revisão de literatura. **Jornal Brasileiro de Enfermagem**, Brasília, v. 73, n. 1, p. 22-30, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jbe/a/4V8kPvs/>. Acesso em: 6 nov. 2024.

ROCHA, A. F. B. et al. Complicações, manifestações clínicas da sífilis congênita e aspectos relacionados à sua prevenção: uma revisão integrativa. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 74, n. 4, 2021. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/reben/a/VHkQjypb65Nq9jcKTTFpbhc/?lang=pt>. Acesso em 15 nov. 2024.

SANAR. **Sífilis Congênita: transmissão, diagnóstico e tratamento**. Redação Sanar, 2022. Disponível em: <https://sanarmed.com/resumo-de-sifilis-congenita-epidemiologia-transmissao-quadro-clinico-diagnostico-e-tratamento/>. Acesso em: 21 nov. 2024.

SANTOS, A. O. et al. A importância do cuidado humanizado na prevenção da sífilis congênita. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 74, p. 45-50, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbe/a/5DHFqTvg/>. Acesso em: 6 nov. 2024.

SANTOS, P. A. dos; GOMES, A. da A. Ações na estratégia saúde da família para combate à sífilis congênita. **Revista Baiana de Saúde Pública**, v. 43, n. supl. 1, p. 85–93, 2019. Disponível em: <https://rbsp.sesab.ba.gov.br/index.php/rbsp/article/view/3217>. Acesso em 06 nov. 2024

MORAES, B. Q. S. de; CORREIA, D. M.; MACHADO, M. F. Desafios da sífilis congênita na atenção primária à saúde em Alagoas, Brasil, 2009-2018. **Salud UIS**, v. 54, n. 1, 2022. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0121-08072022000100324>. Acesso em: 6 nov. 2024.

SILVA, T. P.; MELO, D. A.; BARROS, C. F. Impacto da triagem e tratamento pré-natal na prevenção da sífilis congênita: uma revisão sistemática. **Jornal Brasileiro de Doenças Infecciosas**, v. 25, n. 1, p. 22-29, 2021. Disponível: <https://www.jbdoinf.com.br/>. Acesso em: 07 out. 2024.

SOUZA, M. L. et al. Capacitação dos profissionais de saúde para a prevenção da sífilis congênita: desafios e avanços. **Saúde Coletiva**, v. 31, n. 6, p. 100-108, Rio de

Janeiro (RJ), 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sc/a/B7V4R9w/>. Acesso em: 6 nov. 2024.

WHO. **Global progress report on HIV, viral hepatitis, and sexually transmitted infections, 2023**. World Health Organization, 2023. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/9789240065853>. Acesso em: 6 nov. 2024.